

PROJETO MALACATE

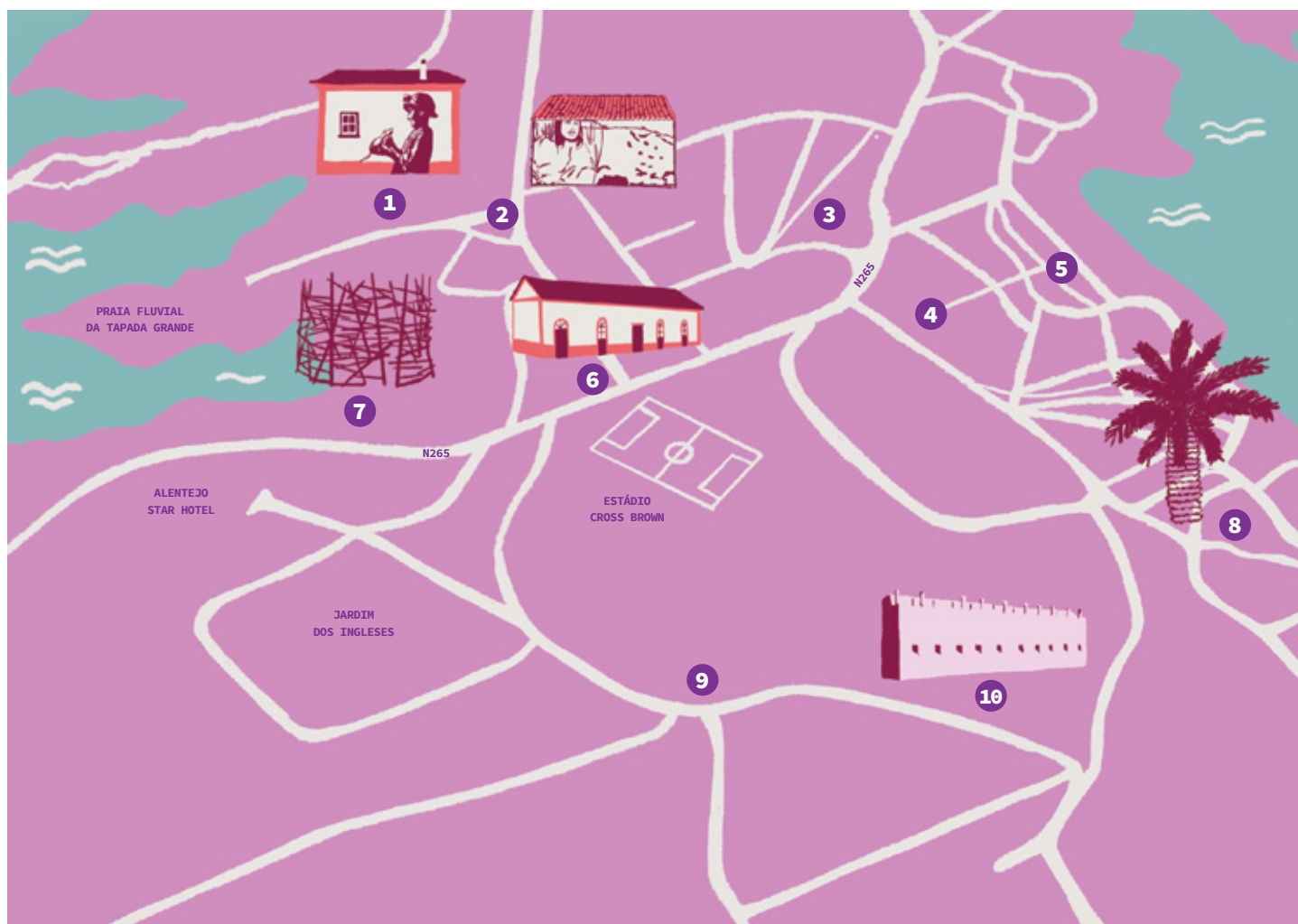
Iceland
Liechtenstein
Norway grants

MALACATÁRIO

PUBLICAÇÃO TRIMESTRAL DO PROJETO MALACATE

N.º 5 – JAN. FEV. MAR. 2023





- 1 Rua de acesso à Praia Fluvial da Tapada Grande: I WAS HERE, I'LL BE HERE (mural de pintura urbana da autoria de PØBEL)
- 2 Rua Longa: I WAS HERE, I'LL BE HERE (mural de pintura urbana da autoria de TAMARA ALVES)
- 3 O Musical: Espaço que acolhe residências artísticas, oficinas e ensaios de diversas atividades do Malacate
- 4 Edifício da Junta de Freguesia: Lince (mural de pintura urbana participativo, desenvolvido no workshop de street art)
- 5 Casa do Mineiro: É aqui o escritório da produção do Malacate!
- 6 Cineteatro da Mina de São Domingos: Foi aqui que estreou a criação de dança e movimento Entropia. Quem sabe que outros momentos Malacate irá ainda receber...
- 7 N265: junto ao quiosque de refrescos da Sara Ribeiro está a instalação artística Ninho, da artista norueguesa Lise Wulff. Este ninho foi construído com a ajuda de vários elementos da comunidade
- 8 Rua da Indústria: durante a sua residência artística na Mina, os artistas PØBEL e Tamara Alves deixaram algumas surpresas...
- 9 Ruínas das Oficinas: ao longo desta rua está a instalação artística Visões, da autoria da fotógrafa Sónia Godinho e construída em conjunto com os alunos da escola primária.
- 10 Cais do Minério: será este o espaço que vai receber a última atividade pública prevista pelo Malacate: Caixa de Perguntas, um espetáculo teatral de rua, de Miguel Maia, criado com a colaboração dos habitantes locais.

MAPA MALACATE

ENTROPIA

UMA ENTROPIA QUE GERA VIDA

No passado dia 15 de dezembro estreou o muito aguardado Entropia, espetáculo de dança e movimento da autoria de Marina Nabais e Ricardo Machado, em parceria próxima com o artista de vídeo e fotografia Gonçalo Mota, o músico Rémi Gallet e a desenhadora de luz Cláudia Rodrigues. Criado com a colaboração de diversas pessoas da região, que com as suas ideias, o seu corpo em palco, a sua voz gravada ou imagem filmada, ajudaram a “levantar” esta obra, os 3 dias de apresentação contaram com o cineteatro da Mina cheio de espectadores curiosos. Para além do espetáculo, esteve também disponível na entrada do cineteatro uma exposição de objetos, fotografias e diários de campo usados e criados pela equipa artística durante o processo de criação.



Sinopse

A ideia chave que nos levou a construir este objeto artístico vem da noção de desperdício de energia, proposto pelo conceito de Entropia. Quando olhamos para a Mina de São Domingos pensamos em extração, em exploração da terra, da natureza, da mão de obra humana e da energia que se dissipou e que não foi utilizada. Para nós, essa energia desperdiçada ainda permanece aqui. Será a entropia vista só como perda e caos? Ou poderemos encontrar um espaço de resiliência e da possibilidade de gerar estados de imprevisibilidade que voltem a gerar vida? Poderíamos olhar para as potencialidades de futuro, no entanto, interessou-nos investigar, através de um processo criativo, o momento presente e o lugar que ocupa nas corporalidades atuais, bem como o ponto em que a tensão ainda flutua no ar e que permanece na memória coletiva.



MONTES ALTOS, ALTOS SONHOS

Paralelamente aos ensaios, às filmagens e às entrevistas com alguns elementos da comunidade local, a equipa Entropia foi desenvolvendo uma série de outras ações durante os meses passados na Mina de São Domingos. O objetivo foi sempre o de dar a experimentar a mais pessoas os benefícios da dança e do movimento, mas também o de conhecer outras histórias e realidades do território. Uma das colaborações que gostaríamos de destacar aqui foi com o Centro Social dos Montes Altos.

O que poderia ter sido apenas uma visita para dar a conhecer o projeto rapidamente se transformou na vontade de encontrar outros momentos que nos permitissem continuar a explorar as potencialidades desta relação. Por iniciativa da dupla Marina Nabais e Ricardo Machado, o Malacate lançou um convite ao Centro Social para que alguns dos seus utentes pudessem vir a participar em sessões de dança e movimento pensadas especificamente para eles. De início semanalmente no Musical, depois quinzenalmente e passando também pelo Cineteatro, fomos tendo a oportunidade de conhecer este grupo cada vez melhor, ao mesmo tempo que estes tinham a possibilidade de “voltar a dançar” naqueles que outrora foram os espaços dos bailaricos e das festas das suas mocidades. Nestas sessões a Marina e o Ricardo, com a colaboração do Remi e do Gonçalo, adaptaram o trabalho que vinham a desenvolver nos ensaios de Entropia de forma a que fosse adequado para participantes com menor mobilidade, garantindo assim que todos os utentes interessados pudessem participar.

Estas sessões foram apenas uma realidade devido à enorme disponibilidade da diretora Rita António, que se mostrou sempre pronta a colaborar, assim como pelo entusiasmo dos utentes, a quem agradecemos profundamente os momentos de partilha! Cada um deles deixou a sua marca naquilo que viria a ser o espetáculo ENTROPIA, de uma forma ou de outra. Agradecemos, particularmente, ao António Pilonas, à Jacinta, ao Manuel Conduto e à Maria Clarinda Fernandes, mas também à Eugénia Graça e ao José Godinho. Esperamos sinceramente que a colaboração entre o Malacate e o Centro Social dos Montes Altos venha a ter continuidade em atividades futuras.

Sara Ribeiro é um membro ativo da Mina de S. Domingos. Devemos-lhe um enorme agradecimento pela disponibilidade e o tempo que nos tem dedicado, desde o início do projeto, sempre pronta a ajudar e a resolver problemas. Há vários meses que sentíamos falta desta entrevista, tanto para a conhecermos um pouco melhor, como para lhe agradecer a imensa dedicação e carinho. A entrevista foi conduzida pelo João Romãozinho. Obrigado, Sara!

João Romãozinho (JR): Sara, tens sido um membro muito ativo na comunidade da Mina, especialmente através das funções que exerces na coordenação do núcleo da Fundação Serrão Martins. Qual é a tua relação com a Mina? Nasceste cá? E a tua família, é desta zona?

Sara Ribeiro (SR): A minha família é toda desta zona. Os meus avós maternos tinham aqui comércio. O meu avô paterno era guarda fiscal aqui na Mina. Vivi no Pomarão até aos sete anos e depois vim para a Mina. Mas estive sempre ligada aqui à Mina, porque os meus avós tinham cá a casa, vinha sempre passar cá as férias e estive sempre cá.

JR: Qual era o comércio dos teus avós durante a exploração da Mina?

SR: Tinham taberna, mercearia e talho. Tudo na zona do Pago Velho. Depois tinham um monte onde criavam os animais.

JR: E o monte era onde?

SR: Era no Vale Travesso. Ao pé do Guizo. Já fizeste o PR (Percurso Pedestre)? Esse PR passa mesmo no monte.

JR: O teu avô paterno era guarda fiscal aqui na Mina. Como é foste parar ao Pomarão?

SR: O meu pai também era guarda fiscal e foi colocado no posto do Pomarão. Foi só quando a escola e o posto da guarda fecharam no Pomarão que viemos para a Mina, em 1990.

JR: Apesar de todas estas ligações afetivas à Mina, há um importante trabalho a fazer relacionado com a preservação do património mineiro existente. Nós visitámos as vossas instalações e vimos que há muito material interessante por explorar. Como tem sido este processo?

SR: Um processo muito demorado, muito trabalhoso, com muita “dor de cabeça”.

JR: Como é que surge a Casa do Mineiro? Ajudaste na restauração?

SR: Sim, ajudei no restauro das peças. Mas isso é uma longa história.

JR: Temos tempo. Como é que começaste a trabalhar na Fundação?

SR: Fiz um curso na Bento Jesus Caraça, de recuperação do património edificado. No meio de muitas saídas, fizemos uma visita de estudo ao CENFIC (Centro de Formação Profissional da Indústria da Construção Civil e Obras Públicas do Sul) Eu tinha de fazer uma prova de aptidão profissional. Meti na cabeça que tinha de fazer qualquer coisa relacionada com as argamassas aqui na Mina. Falei com um professor e percebi que teria de começar essa experiência logo no primeiro ano, para poder expor as várias argamassas ao sol, à chuva, ao tempo. Umas com mais cimento, outras com menos. Umas com mais cal... Umas num meio alcalino, outras num meio ácido, etc. Eu teimeei que queria fazer uma coisa assim. Então tive de fazer uma proposta à direção da escola para começar essa experiência logo no primeiro ano. Eles aceitaram e comecei no primeiro ano com esse tipo de ensaios. Deu-me muito trabalho. No segundo ano já tinha uma série de coisas, e quando mostrei o que estava a fazer a uma pessoa da Câmara de Tavira, fizeram-me logo uma proposta de estágio em Tavira. Eles tinham uma parte de recuperação numa muralha e estavam interessados nestas experiências. No terceiro ano tínhamos de fazer uma parte prática. E eu acabei por fazer recuperação da cobertura e da cúpula da Ermida de São Sebastião. Acabei o curso, fui estagiar, fizemos várias muralhas em taipa em Castro Verde, com desenho e construção. E depois disso segui para o estágio em Tavira. Ainda lá estava, no estágio profissional, quando soube que iam fazer uma exposição aqui na Mina. E o Miguel Rego soube que eu estava em Tavira e a terminar o estágio, perguntou se eu queria vir dar uma ajuda no restauro e na limpeza das peças para a exposição – que era a primeira exposição no Cineteatro. Acabei o estágio, vim e ajudei na limpeza do espólio enquanto esperava para ser contratada em Tavira. Quando inauguramos, convidaram-me para ficar na exposição. A minha mãe estava doente e tudo me fazia ficar por cá. Depois da primeira exposição veio a segunda, seguida da formação da Fundação, apesar de estar contratada pela Merturis. Só depois, em 2012, é que me cederam oficialmente para a Fundação.

JR: Então é aí, com a formação da Fundação que surge o projeto da Casa do Mineiro.

SR: Surge o Núcleo Museológico, para ficar numa exposição permanente. E fui eu e o engenheiro Carlos Gomes quem fez o restauro



das peças todas, o recolher dos materiais...

JR: Decerto, durante a tua infância, ouviste muitas histórias da Mina. Como é encontrar traços desse passado quando manuseias documentos e fotografias deste espólio?

SR: É engraçado quando estou vendo coisas na documentação porque conheço as pessoas e as associo ao que era.

JR: Sim, porque para mim estar a mexer nas coisas é interessante pela História, mas tu conheces as pessoas. Tens alguma recordação da Mina ou do Pomarão que gostasses de partilhar.

SR: Opá, tenho tantas recordações. Na minha infância, as nossas brincadeiras eram sempre ali na zona da corta e da central elétrica. Andávamos ali pulando os muros.

JR: Que não se podia fazer...

SR: O que não se podia fazer era o que nós fazíamos. Mas não tem jeito nenhum andar a partilhar essas coisas. Parece mal. (ri-se) Andávamos sempre na rua, a brincar. Eu sempre fui assim, maria-machota, só fazia coisas de moço. Pulávamos em todo o lado, a subir para cima dos telhados, no Pomarão... Andávamos lá por cima do cais. (ri-se) Eu só andava em caminhos de cabra, sempre esfolada nos joelhos. À hora do jantar era quando a minha mãe dizia «Saaaraaaa!» Ziiiip! Estivéssemos onde estivéssemos lá vínhamos correndo.

JR: É exatamente a mesma partilha do Nuno Martins (entrevista na 3ª edição do Malacatário). Andavam a brincar por aí e depois, quando às vezes chegavam tarde, corria à volta da mesa de jantar, a fugir à mãe que lhe queria bater.

SR: Era assim. A gente não tinha relógio, nem telemóvel, nem pouco mais ou menos. «Sara!

Toninho!». Tudo a correr para chegar a horas.

JR: O que achas que se poderia fazer diferente aqui na região para contrariar a desertificação que tem assolado o território? Para voltar a trazer pessoas para cá com o turismo ou mesmo sem o turismo. O Nuno acha que falta aqui a indústria, por exemplo.

SR: Falta aqui qualquer coisa para cativar as pessoas a virem. A nível do turismo, o ideal era mesmo recuperar a linha de caminho de ferro. Na indústria, houve uma ideia com painéis solares... Mas uma ideia concreta não sei.

JR: O projeto MALACATE propõe criação artística em 2022 e 2023 em estreita articulação com as gentes aqui na Mina. Temos tido muito boas surpresas com as pessoas que se têm juntado a nós e a querer participar. Quanto a ti, quais são as principais características das pessoas daqui que podem ser importantes para esta ou outras iniciativas do género.

SR: Para mim qualquer projeto tem sempre de envolver a comunidade. Tenham as características que tiverem, quando as pessoas se sentem envolvidas, acolhem os projetos com outro carinho.

JR: Achas que as pessoas aqui gostam de receber estes projetos e coisas diferentes para fazerem.

SR: Sim. Acho que no geral sim. mas tem sempre que se envolver a comunidade. Se não se envolver a comunidade, são “uns estrangeiros que andam aí a gastar dinheiro, em vez de arranjarem as ruas”.

JR: Qual foi a atividade do MALACATE que mais gostaste e porquê? Queres deixar alguma mensagem para quem nos lê?

SR: Que venham participar mais no projeto. Das atividades do MALACATE, gostei da Visões (nas antigas oficinas) porque os miúdos têm umas ideias completamente fora, que nunca nos passam na cabeça. Se fôssemos nós, achavam que seríamos malucos. Mas eles podem. Mas a que gostei mais foi mesmo a dos murais, do Pøbel e da Tamara.

MENSAGEM

Vim à Mina pela primeira vez numa tarde de agosto de 2016. Parei o carro ali junto ao Cais do Minério, abri a porta e sustive a respiração. Os olhos secaram e os poros ficaram indecisos entre deixar sair mais suor ou fechar completamente. Aguentei 5 minutos antes de me refugiar na brisa que o ar condicionado me oferecia e rumar para a Tapada Grande, onde fiquei até ao pôr do sol. Mértola só vi à distância, ao passar a ponte e com as luzes a alumiar a vila no recorte do crepúsculo. Foi um bom passeio de turista, mas da Mina não soube nada além do calor infernal e de uma gigantesca e quente (mas ainda assim refrescante) massa de água.

Volveram-se anos e só no inverno de 2019 voltei à Mina. Era fevereiro e as amendoeiras de Mértola estavam todas em flor. A erva estava alta, das searas que a sorte ofereceu àquele ano. Vinha a Mértola ser turista e imaginar um espetáculo que nunca chegou a acontecer - como tantas ideias no mundo das artes. Adorei a gastronomia e as lendas e histórias que fui conhecendo na região. Lembro-me do Poço dos Dois Irmãos. Lembro-me das estruturas circulares para proteger as ovelhas dos predadores e das “cabeças flutuantes” das Fábricas de Enxofre. Lembro-me das cores vivas em tons de amarelo, verde e vermelho do caminho de ferro e das águas paradas em redor. Lembro-me do rebanho de cabras dos Salgueiros e do cais do Pomarão. Lembro-me das migas e da carne de porco preto, ou de caça. Das sopas de tomate, ou de bacalhau. Lembro-me que quis saber mais sobre este lugar.

O MALACATE começou, para mim e para o Miguel, em Março de 2020, já há quase 3 anos. A Câmara teve a iniciativa de nos convidar a fazer uma candidatura bastante complexa. E grande. Nos oito meses que se seguiram, com a pandemia a inaugurar novas formas de estar e comunicar, absorvi tudo o que a internet me trouxe sobre a Mina e estive 3 semanas a viver na casa da eletricidade. Era, sem dúvida, uma história icónica e dura. O espaço era lindo e puxava pela imaginação. Foi um processo exigente, e só depois de milhares de horas de trabalho conjuntas é que entregámos a candidatura. Fomos beber uma cerveja e dissemos «seja o que for!». Só passados 7 meses (e muito depois do prazo estipulado) é que recebemos os resultados. Tínhamos ganho! O segundo lugar a nível nacional era nosso! A Mina ia fazer parte das nossas vidas.

As respostas atrasadas obrigaram-nos a alterar grande parte do projeto e, acima de tudo, alterar a organização da equipa. Re-planeámos uma data de funções, entre mim, o Miguel, um produtor/ comunicador e outros elementos, e eu acabei por mudar-me para o concelho de Mértola. Escolhi a aldeia de Fernandes. Este trabalho é muitíssimo envolvente e exigente, então preferi ficar a 10 minutos da Mina, em vez de mergulhar nela completamente. Mas lá vim, e lá me instalei, e cá passei a dormir, trabalhar, comer, passear... A Mina foi-me entrando no corpo. Tal como Mértola. O passo, a respiração, os hábitos e temas de conversa... Quero agradecer a todos a forma como fui acolhido e dizer-vos que tem sido um enorme prazer.



Não, esta não é uma carta de despedida. Mas é um marco de mudança. Neste período que passei fora da capital, em contacto com o som dos pássaros e o toque da terra, percebi que quero mudar de vida. Quero trabalhar a terra e viver de forma mais simples, mais ligada a um modo de fazer as coisas como antigamente: com pouco. Fiquei com a certeza de que quero viver no campo. Em Agosto descobri que ia ser pai e essa notícia só veio dar mais força a esta vontade: encontrar um monte, um casal ou uma quinta, e viver da terra a passar tempo com os meus mais próximos e amigos. Vou perseguir esse sonho. Eu, que pensava em persegui-lo depois do MALACATE, senti a vinda de uma criança como uma necessidade fortíssima de arranjar um sítio meu, a que possa chamar casa. E de passar tempo a descobrir este pequeno ser que se avizinha. É por isso que desde meados

de Dezembro andarei mais ausente. No entanto, é impossível afastar-me completamente do MALACATE, da Mina e de Mértola. Voltarei regularmente a visitar-vos e a descobrir o que foram fazendo com as atividades que vos formos propondo. O Miguel irá continuar em contacto comigo, visto que partilhámos tanto em comum, e ainda viverei uns meses nos Fernandes. Ainda quero fazer todos os passeios, visitas, encontros e planos que me sugeriram os amigos da Mina nos últimos anos. Agora, finalmente, julgo que terei tempo para o fazer.

Amigos, garanto-vos, estarão para sempre no coração e na memória. Espero que me perdoem as falhas, sabendo que fiz sempre o melhor que sabia e tenho consciência que falhei a pelo menos meia dúzia de vós. Em suma: vamos andando e vamos falando.

Abraço e até já!

FILIPPE ABREU

CONVERSAS MALACATE

Faz um ano que o MALACATE assentou arraiais na Mina de S. Domingos. Depois de vários workshops, oficinas, instalações no espaço público, aulas na escola, passeios, espetáculos, encontros e memórias. Desde novembro passado que abrimos as portas do Musical para reunir com os habitantes da Mina de S. Domingos e conversar sobre o MALACATE, sobre as atividades que vamos promovendo na Mina e aprendermos sobre temas relacionados com este lugar e esta região.

Foi com Filipe Abreu e Miguel Maia que iniciamos um conjunto de encontros com a comunidade, seguido de uma conversa após o espetáculo ENTROPIA, com os artistas e participantes do espetáculo. Daqui adiante teremos a oportunidade de ensinar e aprender sobre temas que se relacionam com a Mina e com o MALACATE. Por norma, as conversas serão no Musical e ao fim do dia, mas iremos sempre comunicando neste jornal e noutros meios. Como é já costume, todos são bem vindos!

No Musical, Mina de S. Domingos:

13 JAN. com Stein Henningsen e Sarah Gerats - conversa com os artistas.

27 JAN. com Nádía Torres e Manuel Passinhas.

13 FEV. com Sara Ribeiro.

27 FEV. com Rossana Torres e João Romba - Cinema, som e levar a cultura às aldeias.

13 MAR. com Isabel Campos - a cultura nos montes e a cultura na Mina.

27 MAR. com João Matos e Miguel Rego - A Faixa Piritosa Ibérica e a Mina de S. Domingos.

No próximo Malacatário anunciaremos as datas das conversas Malacate do 2º trimestre de 2023!

OPEN CALL WIDE SPACE

Artistas da Noruega na Mina durante o mês de janeiro Stein Henningsen e Sarah Gerats

Há um ano atrás anunciámos ao mundo que estávamos disponíveis para acolher na Mina de S. Domingos artistas noruegueses, islandeses e do Liechtenstein. Não sabíamos quem seriam nem o que iriam propor. Recebemos várias candidaturas e, além das artistas que nos visitaram em Maio de 2022, seleccionámos Stein Henningsen e Sarah Gerats. São ambos artistas das artes performativas, residentes em Longyearbyen, no arquipélago de Svalbard - o local mais a norte, em todo o mundo, habitado por pessoas durante todo o ano. Longyearbyen tem sido uma intensa mina de carvão, tendo começado a sua exploração em 1906. Esta localidade foi construída por causa da mina, e tal como na nossa Mina, foi gerida pela própria companhia até ao princípio dos anos 90. A mina irá parar a exploração em 2023 e a localidade é agora gerida democraticamente, focando-se no turismo e na investigação. Longyearbyen mudou radicalmente ao longo dos últimos 20 anos, e Stein e Sarah acreditam haver muitas semelhanças entre estes dois lugares. Haverão também muitas diferenças. Durante o mês de janeiro, os dois artistas irão ocupar vários espaços públicos na Mina. Se os encontrarem a fazer algo de menos... normal, aproveitem para estranhar e interagir com eles. Talvez a comunicação seja difícil, pois são noruegueses. Mas podemos comunicar com o corpo, ou podemos simplesmente sentar-nos lado a lado sem falar.

Apresentação final no dia 27 de janeiro.



OFICINA DE CLOWN

O QUE VEM AÍ – RUI PAIXÃO

Será uma obra de arte capaz de fazer mover uma comunidade inteira na sociedade contemporânea? É possível, nos dias de hoje, uma comunidade aceitar uma demanda coletiva em prol de um objeto artístico? Rui Paixão, criador, intérprete e clown, pretende lançar este mesmo desafio à comunidade da Mina de S. Domingos e, à semelhança da grande demanda do herói trágico grego, encontrar no coro (a comunidade) a força coletiva para a realização de um happening que terminará na apresentação do seu novo espectáculo.

É uma honra, para o projeto MALACATE, termos a presença de um artista com este nível de reconhecimento. Rui Paixão tem corrido meio mundo com os seus espetáculos, mas foi possível atraí-lo para a Mina de S. Domingos. Serão duas residências. Uma pequena, de 30 de janeiro a 5 de fevereiro - para conhecer a Mina e poder ir para casa “cozinhar” todas as ideias que surgirem. E uma segunda, maior, de 22 de março a 23 de abril, onde preparará e apresentará um novo espetáculo e um happening (um acontecimento). O que é um happening? Ora, desde os anos 60 do século passado que os artistas das artes performativas (dança, teatro, movimento) começaram a explorar novas (e, sejamos sinceros, mais estranhas) formas de fazer arte. Um happening é um acontecimento performático (por performers, para um público) que está dependente da interação do mundo exterior com o performer e que, por esse motivo, nunca se repete. Nos dias 21 e 22 de Abril, Rui Paixão vai propor um happening (um acontecimento!) que envolve a população da Mina de S. Domingos e que culminará na apresentação de uma nova criação - só com a nossa participação enquanto comunidade será possível a concretização do espetáculo.

Entretanto teremos ainda a oportunidade de aprender um pouco de Clown, numa oficina dirigida pelo Rui, nos dias 1 e 2 de Abril, no Musical.

OFICINA DE CLOWN

1 e 2 de Abril, no Musical

HAPPENING E ESPETÁCULO

21 e 22 de Abril,
em lugar a definir.

Inscrições:

924 744 056

producao.malacate@cepatorta.org



© Júlita Aurora dos Santos

RUI PAIXÃO é palhaço, performer e ator. Desenvolve um trabalho de investigação e exploração da linguagem do clown contemporâneo e do teatro físico com o foco na criação artística para o espaço público e especial interesse pelo circo contemporâneo. Em 2019 juntou-se ao Cirque du Soleil numa nova criação em Hangzhou na China, tornando-se o primeiro português a integrar a companhia como criador original. Voltou a Portugal no início de 2020 e desde então colaborou como intérprete/criador em espetáculos de John Romão, Miguel Moreira (Útero), Joana Providência e Ricardo Neves-Neves. Como criador destaca a sua relação recente

com o Festival de Circo Contemporâneo LEME onde estreou ALBANO, a sua última investida sobre o que é ser um palhaço, e fez nascer o seu novo projeto/companhia Holy Clowns, onde também criou o espetáculo KINSKI – Roi de Rats e o filme Fato Macaco. Este ano foi convidado para ser o Diretor Artístico do espetáculo Circo do Coliseu Porto Ageas 2022.



© Nelson Gomes

CAIXA DE PERGUNTAS

Caixa de Perguntas é o grande espetáculo teatral de rua que a Companhia Cepa Torta levará à cena nas ruínas do cais do minério, na Mina de S. Domingos, nos dias 8, 9, 10 e 11 de junho de 2023. Contará com a participação dos habitantes da Mina, e será um marco memorável deste nosso Malacate!

O que é?

Trata-se de um espetáculo de teatro com a participação da comunidade, tanto na criação do que vai acontecer em palco, como na preparação de bastidores e logística.

Para além das pessoas da Mina, este espetáculo contará com uma equipa profissional de atores, cenógrafos, desenhadores de som e luz e projeção de vídeo. Espera-se que este venha a ser um dos marcos do Malacate, bem como um cartão de visita para quem nos visitar de fora e levar assim uma memória impactante da força deste lugar.

Como se organiza?

Começaram já em outubro reuniões periódicas com algumas associações locais para começar a preparar este projeto, e espera-se que se venham juntar mais para que esta seja uma celebração de todos. Em breve começarão as inscrições para todos quantos queiram participar, em várias áreas, das quais se destacam:

- Atores e atrizes
- Reuniões e entrevistas para partilha de memórias
- Pesquisa ou empréstimo de objetos para usar em cena
- Apoio na criação musical
- Costura de figurinos
- Apoio à construção cenários
- Montagens e preparação espaço
- Vigilância
- Apoio aos camarins
- Apoio ao público
- Cedência de instalações
- Apoio nos transportes
- Alimentação

Porque se chama “Caixa de Perguntas”?

Normalmente vemos uma caixa como um recipiente, um compartimento, uma arca, ou um cofre para guardar alguma coisa, talvez algo de valor. Caixa é também, no teatro, uma palavra usada para definir a divisão que se encontra por debaixo do palco e que é ocupada por atores, materiais e equipamentos, para a preparação dos espetáculos. Para além disto temos ainda o mito da Caixa de Pandora. Neste mito grego,

quando o titã Prometeu rouba o fogo do Olimpo para o trazer para o usufruto dos mortais na terra, Zeus, como uma das vinganças contra os homens, cria Pandora, a primeira mulher, apresentado-a a Epimeteu, irmão de Prometeu e dando-lhe uma caixa. A curiosidade de Pandora faz com que mais tarde a abra, soltando todos os males que o mundo conhece. Pandora só fecha a caixa a tempo de evitar que o pior dos males de lá saia: aquele que acaba com a esperança. No nosso projeto estas definições e mitos serão somente um dos pontos de partida: usaremos a ideia de caixa como um símbolo tanto de ameaça como de esperança no futuro.

Afinal qual vai ser a história?

A história que iremos contar depende daquilo que os participantes trouxerem para os encontros e ensaios. Uma das ideias base é a seguinte: imaginemos que em pleno séc. XXII, o Alentejo é a grande metrópole eco-tecnológica mundial - vastas áreas das planícies são preenchidas por edifícios futuristas, habitados por pessoas, animais, árvores e vegetação diversa. Certo dia, explorando os buracos das escavações para a construção de um grande e moderno malacate para extracção de água, uma pessoa encontra uma estranha caixa. Ao abri-la irá dar início a uma estranha sucessão de acontecimentos que irão transformar a sua comunidade. Que acontecimentos serão estes? Que estranha caixa será aquela e que coisas do passado nos trará?

Porquê no cais do minério?

O cais do minério - um paredão de pedra de grandes dimensões, ocupado aqui e ali por aberturas, antigos postigos de desembarque do minério que logo ali ao lado via a luz do dia após a extração - é uma das edificações mais impressionantes da antiga exploração. Era um local de transição entre o que vinha do fundo para a superfície, e tem à sua frente um enorme espaço que pode ser usado como palco, para além de ficar muito perto da zona populacional.

Qual o calendário do trabalho?

13 – 19 FEV. 2023:

Residência artística com a equipa profissional

11 MAR. – 31 JUN. 2023:

Período de pesquisa e ensaios

1 – 7 JUN. 2023:

Montagens e ensaios gerais

8 – 11 JUN. 2023:

Espectáculo.

Como posso saber mais?

Todas as informações poderão ser dadas pela nossa produtora pelo telefone 924744055, ou fazendo-nos uma visita na Casa do Mineiro. Também pode ser consultado o nosso site.

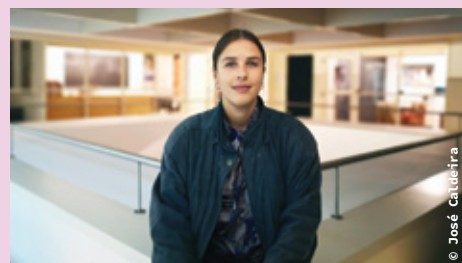
MEMÓRIA DO FUTURO

No dia 8 de outubro de 2022, realizou-se, junto às antigas oficinas o Workshop Utópico intitulado A Memória do Futuro, com a artista plástica Daniela Reis e que nos encheu o coração. Obrigada a todos os participantes que nos brindaram com as suas leituras, pinceladas, cores e perspectivas. E que partilharam connosco as suas singulares visões de futuro através de criações plásticas colectivas. Que a água nos acompanhe sempre.



PASSEIOS GUIADOS COM PAULA VARANDA

Foi em outubro que recebemos a Paula Varanda para mais uma edição dos nossos Passeios Guiados a céu aberto. A Paula levou-nos a visitar os recantos da Mina e a refletir sobre a Corta. Ao olhar para ela, uns pensaram em grandeza, outros em memórias, outros em pequenas formigas e outros ainda no desastre ambiental que sobrou. Mas um passeio pela Mina nunca ficaria completo sem a presença de um guia local. Desta feita foi Reinaldo Seno quem nos acompanhou nestas duas manhãs de outono. Contou-nos as histórias dos cantos e recantos, desde os tempos da exploração mineira, na sua juventude, até aos dias de hoje. Um amigo e um guia esplêndido. Sem algum dia precisarem, já sabem a quem chamar...



WORKSHOP UTÓPICO COM CRISTINA PLANAS LEITÃO

Já no dia 14 de janeiro, entre as 15h e as 18h, recebemos a artista Cristina Planas Leitão para mais uma edição dos Workshops Utópicos MALACATE. Cristina é coreógrafa, intérprete, programadora de artes performativas e assumiu recentemente a co-direção do Teatro Municipal do Porto. É ainda professora de várias técnicas e em vários países. Diz-nos a Paula: «Neste workshop abordaremos alguns temas e fisicalidades da peça [O SISTEMA]. Partiremos de ações concretas e da noção de trabalho para abstrairmos o movimento. Através da repetição, encontraremos ferramentas de transcendência. Iniciaremos o workshop com uma caminhada coletiva silenciosa.»



PASSEIOS GUIADOS - A CÉU ABERTO, COM DANIEL CARDEIRA

Continuamos os nossos Passeios Guiados - A Céu Aberto, desta vez com dois guias locais: o nosso artista Daniel Cardeira, residente em Corte do Pinto, e um(a) embaixador(a) local que o irá acompanhar. Neste fim de semana, Daniel leva-nos a descobrir um olhar diferente perante a Mina, perante o MALACATE, a história, as suas próprias memórias. Ficamos assim, abertos ao que o artista nos quiser mostrar.

DANIEL CARDEIRA

Daniel Cardeira é artista plástico, ilustrador e historiador de arte. Nascido em 1992, cresceu entre as aldeias de Corte do Pinto e Mina de São Domingos. Em 2015 licenciou-se em Pintura na Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa e em 2020 concluiu o mestrado em História da Arte, Património e Cultura Visual na Universidade de Letras da Faculdade do Porto. O seu campo de trabalho cruza desenho, pintura, fotografia, instalação e performance. A sua investigação artística incide sobretudo na relação do corpo com a paisagem cultural e natural. Como artista plástico expôs nos últimos anos em Lisboa, Faro, Mértola, Porto e São Paulo. Atualmente dinamiza, junto à comunidade, várias actividades de expressão plástica e desenho em parceria com a Casa das Artes Mário Elias em Mértola.

-

Partida no Cineteatro da Mina de São Domingos
25 e 26 de março, às 10h
Entrada livre



WORKSHOP UTÓPICO: ESSES JARDINS AINDA VIÇOSOS - POR DANIEL CARDEIRA

“E eram um milagre esses jardins ainda viçosos na estação em que o verde da Natureza se enferruja e principia a acobrear-se mortalmente. Falavam-me as plantas e as flores dos pertinazes cuidados tidos pelos jardineiros portugueses para que elas prosperassem naquela terra vermelha e afogueada.”

CASTRO, Ferreira de (1969) - História da velha mina, in “Os Fragmentos”, ed. Guimarães e Ca: Lisboa.

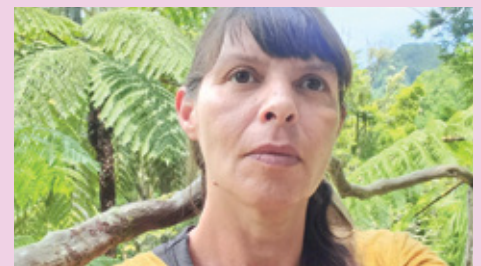
É a partir desta breve descrição de Ferreira de Castro sobre os jardins verdejantes que outrora caracterizavam o bairro Inglês, que Daniel Cardeira irá convidar os participantes do segundo Workshop Utópico a pensar o presente e o futuro do jardim público da Mina de São Domingos. Através da expressão pictórica os participantes serão desafiados a intervir em duas superfícies de tecido previamente intervencionadas. Esta pintura colectiva será orientada pelo artista e foca-se na possibilidade de se ver um exuberante jardim com todas as espécies de plantas e flores que nos permitimos imaginar. Este workshop será aberto a todos os que queiram participar, independentemente da sua idade.

Este workshop tinha sido originalmente planeado para o verão de 2022 mas por motivos a que somos alheios foi adiado para esta nova data: 25 de março, às 15h00, no Jardim dos Ingleses

Inscrições:
924 744 056
producao.malacate@cepatorta.org

OFICINA DE TEATRO

Irá realizar-se nos dias 18 e 19 de fevereiro de 2023, uma oficina de teatro para toda a população. Nestes dois dias os participantes terão oportunidade de trabalhar com Miguel Maia e outros atores as bases daquilo que se faz no teatro: como se respira, como se prepara o corpo e como se faz a concentração. E depois de estarmos preparados, como abordamos uma história? Como criamos um personagem? A partir da imaginação ou a partir de alguém que conhecemos ou vimos na rua? Vai ser uma excelente oportunidade para perceber melhor o que é isto de subir a um palco!



QUEM É A TATIANA LEMOS?

Tatiana Lemos, natural de São Paulo - Brasil, conheceu Portugal na sua adolescência. O contraste entre a sua terra natal e os lugares da cultura portuguesa fez-lhe escolher ficar e cá viver até hoje. Licenciou-se em Gestão do Lazer e Animação Turística e investiu em formações e participações no âmbito da Arte e Comunidade e na educação não-formal. Colaborou como Animadora Sócio Cultural em diversos projetos para a infância e populações minoritárias. Como produtora colaborou em festivais, eventos e em organizações que integram a arte às pessoas e aos espaços (Centro Cultural de Belém, Festival Todos, Sou - movimento e arte, Chaptô). Gosta de ouvir e contar estórias, de caminhar e acampar. Adora o gerúndio e as paisagens do Alentejo.

FICHA TÉCNICA

O Malacatário é o jornal trimestral do projeto Malacate com notícias sobre as atividades que são desenvolvidas no terreno.

DIREÇÃO:

FILIPPE ABREU
MIGUEL MAIA

TEXTOS:

FILIPPE ABREU
LEONOR CARPINTEIRO
MIGUEL MAIA

PRODUÇÃO:

LEONOR CARPINTEIRO

DESIGN E PAGINAÇÃO:

JOÃO VASCO

GESTÃO DE PROJETO:

BRUNO COSTA
DANIEL VILAR

Para mais informação, fiquem atentos aos próximos volumes do Malacatário, consultem o nosso website, ou sigam-nos nas redes sociais.

ONDE ESTAMOS:

Casa do Mineiro - Rua de Santa Isabel, nº 30, 7750-146
Mina de São Domingos, Mértola

E-MAIL:

producao.malacate@cepatorta.org

TELEFONE:

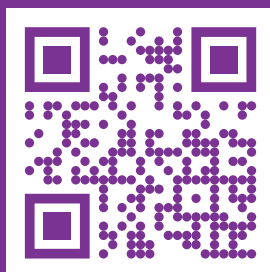
00351 924 744 056

INSTAGRAM

@projeto_malacate

FACEBOOK

@projetomalacate



www.malacate.pt

Através do Acordo sobre o Espaço Económico Europeu (EEE), a Islândia, o Liechtenstein e a Noruega são parceiros no mercado interno com os Estados-Membros da União Europeia.

Como forma de promover um contínuo e equilibrado reforço das relações económicas e comerciais, as partes do Acordo do EEE estabeleceram um Mecanismo Financeiro plurianual, conhecido como EEA Grants.

Os EEA Grants têm como objetivos reduzir as disparidades sociais e económicas na Europa e reforçar as relações bilaterais entre estes três países e os países beneficiários.

Para o período 2014-2021, foi acordada uma contribuição total de 2,8 mil milhões de euros para 15 países beneficiários. Portugal beneficiará de uma verba de 102,7 milhões de euros.

Saiba mais em www.eeagrants.gov.pt

FINANCIADO POR



OPERADOR DO PROGRAMA



PARCEIRO DO PROGRAMA



PROMOTOR DO PROJETO



PARCEIRO FINANCIADOR



OUTROS PARCEIROS



COLABORADORES



Fundação Serrão Martins



Associação de Entregadores de Alimentos da União Europeia

